




Coordenação Comitativa no Crioulo da Guiné-Bissau e no Português Europeu

Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](#) 

Resumo: Neste estudo, analisamos comparativamente a sintaxe da coordenação comitativa no crioulo da Guiné-Bissau (língua guineense, LG) e no português europeu (PE), com base em Camacho (2000), Colaço (2003, 2005), Matos e Raposo (2013), Brito et al. (2015), Kihm (1994), Scantamburlo (1999, 2002). A comparação mostra que *com* (PE) e *ku* (LG), apesar de partilharem traços comitativos, apresentam graus distintos de gramaticalização e propriedades sintáticas significativamente divergentes. *Ku* encontra-se amplamente gramaticalizado como conjunção coordenativa, ao contrário de *com* do PE, que mantém um estatuto híbrido e marginal. Além disso, a coordenação comitativa na LG está estruturalmente estável e categorialmente condicionada, refletindo um percurso avançado de gramaticalização próprio das *with-languages*; enquanto que, em PE, que se enquadra no grupo das *and-languages*, depende de requisitos semânticos como resultatividade ou simetria entre participantes.

Palavras-chave: coordenação comitativa, português europeu, língua guineense.

Abstract: This study presents a comparative analysis of the syntax of comitative coordination in Guinea-Bissau Creole (hereafter, GC) and European Portuguese (EP), drawing on the contributions of Camacho (2000), Colaço (2003, 2005), Matos and Raposo (2013), Brito et al. (2015), Kihm (1994), and Scantamburlo (1999, 2002). The comparison shows that *com* (EP) and *ku* (GC), although sharing comitative features, display distinct degrees of grammaticalisation and significantly divergent syntactic properties. *Ku* appears to be extensively grammaticalised as a coordinating conjunction, whereas *com* in EP retains a hybrid categorial status, often described as peripheral within the domain of coordination. Furthermore, comitative coordination in GC is structurally stable and subject to categorial constraints, reflecting a more advanced grammaticalisation pathway characteristic of *with-languages*. By contrast, EP, typologically classified among *and-languages*, relies on predominantly semantic requirements – such as resultativity or symmetry between participants – for the licensing of this type of coordination.

Keywords: comitative coordination, european portuguese, Guinea-Bissau creole.

Ronaldo Mendes

Investigador, Universidade do Porto, Porto, Portugal

Doutorado em Ciências da Linguagem, Universidade do Porto

 <https://orcid.org/0009-0008-7252-1311>

 up201809885@up.pt



Recebido em 15/12/2025

Aceito em 07/02/2026

Publicado em 28/02/2026

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo estudar comparativamente a sintaxe da coordenação comitativa no crioulo da Guiné-Bissau (língua guineense) e no português europeu, com base em Camacho (2000), Colaço (2003, 2005), Matos e Raposo (2013), Brito et al. (2015), Kihm (1994), Scantamburlo (1999, 2002), entre outros.

A coordenação é um processo sintático de combinação de dois ou mais constituintes do mesmo nível categorial, os quais desempenham a mesma função sintática e semântica. Estes constituintes (pelo menos na coordenação canónica) podem ser núcleos ou constituintes plenamente expandidos (Matos, 2003, p. 551). Por exemplo, na frase *A Ana e o Pedro vieram visitar-nos*, são coordenados dois sintagmas nominais (a Ana, o Pedro) através conjunção *e*, que “explicita o nexo entre os termos coordenados” (Matos, 2003, p. 551).

A coordenação pode expressar diferentes relações semântico-pragmáticas entre os termos coordenados. Em português, os valores prototipicamente veiculados pelas conjunções podem ser de adição (1a), alternância (1b) ou contraste (1c) entre os termos coordenados.

- (1)(a) Os quadros *e* as esculturas deste artista plástico estão agora patentes ao público no Centro Cultural de Belém.
 (b) Os quadros de pintores famosos *ou* qualquer outra peça de arte podem atingir preços exorbitantes nesses leilões.
 (c) As crianças estavam com sono, *mas* não adormeceram cedo.
 (Matos, 2003, p. 558)

Tal como noutras línguas naturais, o português apresenta também uma estratégia de combinação sintagmática, que partilha propriedades gerais com a coordenação aditiva: coordenação comitativa (Colaço 2003, 2005; e Matos e Raposo 2013; Camacho 2000; Brito et. al. 2015). É este tipo de coordenação que constitui o objeto deste estudo.

De acordo com Colaço (2003, p. 383), a coordenação comitativa combina um DP singular com uma expressão comitativa, formando um DP complexo sintática e semanticamente plural, como ilustrado em (2).

- (2)a) O ouro com a prata combinam-se facilmente.
 b) O Pedro com a Maria fazem um par encantador.
 (Colaço, 2003, p. 383)

A língua guineense apresenta igualmente esta construção, nomeadamente através do conector *ku* (3), equivalente ao *com* do português, além da conjunção coordenativa copulativa *i* (4), equivalente à conjunção *e*.

- (3) a) Ntoni *ku* Maria bai skola.
 Ntoni com Maria ir-3PL escola
 O Ntoni e a Maria foram à escola.
 b) N kume pon ku keju.
 Eu comer pão com queijo
 Comi pão e/com queijo.
- (4) Maria bunitu *i* intilijenti.
 Maria bonita e inteligente
 A Maria é bonita e inteligente.

A literatura mostra que a relação semântica e sintática entre os conectores comitativos e as conjunções coordenativas aditivas varia entre línguas (Camacho, 2000; Colaço, 2003, 2005; Brito et al., 2015). Assim, este trabalho procura:

- I. analisar a coordenação comitativa na língua guineense (LG) numa perspetiva comparativa com o português europeu;
- II. descrever as restrições sintático-semânticas dessas estruturas; e,
- III. identificar diferenças e semelhanças entre as duas línguas em estudo.

Defende-se que, ao contrário do português, a LG apresenta um conector comitativo (*ku*) amplamente gramaticalizado como conjunção aditiva, com menos restrições sintático-semânticas.

Este artigo estrutura-se do seguinte modo: na primeira parte, apresenta-se o enquadramento teórico da coordenação comitativa; na segunda parte, descrevem-se as propriedades destas construções em português e na LG; a terceira parte apresenta uma síntese comparativa da coordenação comitativa entre o PE e a LG e, por fim, apresentam-se as considerações finais na quarta secção.

Coordenação Comitativa

O processo de coordenação de constituintes dá-se de diferentes formas nas línguas naturais, podendo ocorrer com ou sem expressão explícita de conectores, os quais variam em função das categorias sintáticas coordenadas e do nexos semântico estabelecido entre elas. Quando dois constituintes são coordenados por uma conjunção, estamos perante ‘coordenação sindética’ (5), por oposição à ‘coordenação assindética’ (6), em que o conector não é fonologicamente realizado.

(5) O jantar está pronto, *mas* ninguém vai para a mesa.

(6) Ao jantar serviram entradas, sopa, peixe, carne, etc.
(Matos, 2003, p. 560)

Com base em dados de mais de duzentas línguas, Stassen (2000, 2005) propõe uma tipologia segundo a qual, quanto às estratégias de combinação de constituintes nominais, as línguas se dividem em dois tipos:

(i) *and-Languages* – em geral línguas indo-europeias, que dispõem de uma conjunção equivalente ao *and* do inglês para a coordenação aditiva de expressões nominais, distinta da partícula comitativa *with* (7);

(ii) *with-languages* – línguas em que a mesma unidade linguística expressa a coordenação aditiva/copulativa e relação comitativa, sendo esta a única que permite a coordenação de DPs (Colaço, 2005: 91) (8):

(7) a) John *and* Mary went to the movies.
b) John went to the movies *with* Mary.

(8) N-ka-za-yo na Mugasho
1sg-rec.pst-go-there and/with Mugasho
‘Mugasho and I went there./ I went there with Mugasho.’
(Stassen, 2013)

Embora existam línguas onde apenas a construção *X com Y* é gramatical (*with-languages*), noutras línguas ocorre também a estratégia *X e Y*, sendo esta geralmente a preferida e mais aceitável (Colaço, 2005, pp. 91, 130). Este é o caso do português europeu, em que a coordenação aditiva e comitativa são estrutural e semanticamente distintas.

Apesar das restrições, o português europeu admite coordenação comitativa. O conector *com* pode assumir, em determinados contextos, um comportamento semelhante ao da conjunção coordenativa *e*, não apenas veiculando um valor aditivo, mas permitindo igualmente a formação de pluralidade sintática — visível quando o DP complexo ocorre em posição de sujeito com concordância verbal no plural (Colaço, 2005, p. 89):

- (9) a) Um com um são dois.
 b) Às vezes, um com um são um.

Em *and-languages*, muitas vezes, a coordenação comitativa surge muitas vezes dependente de uma leitura coletiva (*togetherness*), restringindo-se a predicados que não permitem uma leitura distributiva. O espanhol ilustra este comportamento (Camacho, 2000, p. 367) (10).

- (10) a) Juan con Maria durmieron anoche.
 J. com M. dormir-Pl a_noite_passada
 ‘O J. e a M. dormiram a noite passada.’

Em suma, o conector *com* (e o *con* do espanhol) pode assumir valor conjuncional, aproximando-se da coordenação aditiva, embora apresente propriedades sintáticas e semânticas que o distingue de uma conjunção aditiva canónica (como também do seu uso preposicional). Nas subsecções seguintes, faz-se resumidamente a comparação das propriedades semântico-sintáticas de *com* e *e*; e distingue-se o uso preposicional do uso conjuncional de *com*, sendo este último um dos focos do presente trabalho.

Coordenação Comitativa no Português e no Guineense

Nas subsecções seguintes, descreve-se o funcionamento da coordenação comitativa no português europeu e na língua guineense, argumentando-se que, ao contrário do conector aditivo *com*, o conector guineense *ku* apresenta maior liberdade sintática e semântica, encontrando-se amplamente gramaticalizado como conjunção coordenativa aditiva. Por fim, serão apresentadas as principais diferenças entre os conectores *ku* e *i* da língua guineense, enquanto estratégias coordenativas aditivas atestadas na língua.

Partícula Comitativa *com* em Português: Uso Preposicional vs. Uso Conjuncional

Citando autores como McNally (1993) e Vassilieva & Larson (2001), Colaço (2003; 2005, pp. 95-98) distingue o uso conjuncional da partícula comitativa do seu uso preposicional, neste caso, associado exclusivamente à noção semântica de acompanhamento. Retomam-se aqui alguns critérios estabelecidos pela autora como ponto de partida para a discussão sobre o estatuto do conector *ku* na língua guineense, em comparação com a partícula comitativa *com* do português.

- a) Pluralidade – Tal como na coordenação copulativa, em que a conjunção implica a pluralidade da estrutura da coordenação, também o uso conjuncional de *com* exige a pluralidade do constituinte que o contém, na posição de sujeito, mesmo quando os DPs combinados se encontram no singular (11a). No uso preposicional esse efeito não ocorre (11b).

(11) a) [O ouro **com** a prata] combinam-se facilmente.
b) O ouro, com a prata, combina-se facilmente.

- b) Adjacência obrigatória – No seu uso conjuncional, o DP que antecede *com* deve ocorrer obrigatoriamente em adjacência ao DP com o qual se combina, formando apenas um constituinte (12a). Com uso preposicional, essa obrigatoriedade não se verifica (12b).

(12) a) [[O ouro_{DP}] **com** [a prata_{DP}]] combinam-se facilmente.
b) O Pedro falou **com** a Maria.

- c) Compatibilidade com o verbo – Uma expressão preposicional com valor comitativo ocorre apenas em frases com verbos agentivos, que denotam uma ação passível de ser acompanhada (13a). No entanto, o uso conjuncional dessa partícula não depende das propriedades do verbo presente na frase (14).

(13) a) O Pedro foi à praia **com** o seu cão.
b) O Pedro foi à praia **acompanhado pelo seu cão**.

(14) a) O ourives combinou o ouro **com** a prata.
b) *O ourives combinou o ouro **acompanhado da prata**.

- d) Condição de Estrutura Coordenada – Por corresponder a uma estrutura coordenada, o constituinte que contém *com* com valor conjuncional não permite extração por movimento *wh* (15a). No seu uso preposicional, tal restrição não se aplica (15b).

(15) a) *O que é que com a prata se combinam facilmente?

*Com o que é que o ouro se combinam facilmente?

b) O que é que se combina facilmente com a prata?

Com o que é que o ouro se combina facilmente?

- e) Ligação de anáforas – No uso conjuncional da partícula comitativa, o constituinte resultante é sintaticamente plural, podendo controlar anáforas plurais (16a). No uso preposicional, isso não acontece (16b).

(16) a) [O ouro com a prata]_i combinam-se_i facilmente.

b) [O ouro]_i, com [a prata]_j combina-se_{i/*j} facilmente

Em resumo, o *com* conjuncional apresenta propriedades que o aproximam da conjunção coordenativa aditiva *e*, ao passo que o seu uso preposicional mantém a natureza de complemento sintático com valor de acompanhamento. Estas distinções serão fundamentais para a análise comparativa com o conector comitativo *ku* na língua guineense.

Partícula Comitativa Aditiva *com* vs. Conjunção Aditiva *e*

Tal como vimos anteriormente, no PE, além de *e* – conjunção coordenativa aditiva canónica, o conector *com* tem sido descrito como conjunção coordenativa comitativa aditiva (Colaço, 2003, 2005; Matos e Raposo, 2013). Embora esta estrutura seja encarada como um subtipo da coordenação copulativa, os dois mecanismos de combinação de constituintes não são totalmente equivalentes. Atentemos, brevemente, para as suas principais diferenças.

Segundo McNally (1993, citado por Colaço, 2003, 2005), é possível distinguir a coordenação comitativa da coordenação aditiva *standard* com base nos seguintes critérios, dos quais, na perspetiva de Johannessen (1998), o conector comitativo aditivo *com* e a conjunção aditiva *e* são respetivamente núcleos: i) ao contrário da coordenação copulativa (17a, b), a coordenação comitativa não é iterativa (17c, d); ii) a coordenação comitativa restringe-se a DPs, enquanto a coordenação copulativa pode coordenar diferentes categorias (18); iii) a presença de *com* implica

preferencialmente uma interpretação semântica grupal do constituinte coordenado (o que, conseqüentemente, pressupõe a participação conjunta das entidades descritas na proposição) (19).

- (17) a) O Pedro fez o trabalho, entregou-o ao professor e foi para casa.
 b. O Pedro fez o trabalho e entregou-o ao professor e foi para casa.
 (Colaço, 2005, p. 31)
- c) *O Pedro escreveu um artigo com a Maria com o João.
 d) *O ouro com a prata com o diamante combinam-se facilmente.
- (18) a) O Pedro e a Ana chegaram cedo. / O Pedro é alto e bonito. / A Maria leu e escreveu. etc.
 b) Um com dois são três. / *O Pedro é bonito com alto. / *O Pedro dançou com sair.
- (19) a. *O Pedro estudou com a Maria, mas em salas diferentes.
 b. O Pedro e a Maria estudaram, mas em salas diferentes.
 (Colaço, 2005, p. 115)

A restrição categorial e a ausência de interatividade mostram que a coordenação comitativa exprime uma relação essencialmente binária entre participantes, ao passo que a coordenação copulativa admite o encadeamento recursivo, potencialmente ilimitado, de constituintes da mesma categoria (Colaço, 2005, p. 31-32).

Finalmente, o facto de a coordenação comitativa permitir apenas uma interpretação grupal do constituinte coordenado pode ser interpretado como reflexo do valor comitativo inerente ao conector. Assim, apesar de, em construções específicas, o seu valor básico ser aditivo, a *com*, quando usado como conjunção, mantém um valor secundário comitativo (Colaço, 2005, p. 126).

Coordenação Comitativa no Português Europeu

A partir da observação de dados empíricos do português, Colaço (2005, p. 123), concluiu que, em PE, a coordenação comitativa é legitimada cumulativamente pelos seguintes fatores:

- I. o valor aditivo do conector comitativo;
- II. a existência de uma relação de simetria ou reciprocidade entre os constituintes relacionados pelo conector *com*.
- III. a presença de um predicado que opera sobre um sujeito plural e que implica a criação de uma entidade nova ou resultante da combinação dos participantes, sendo a presença desta explícita ou apenas implícita no próprio significado do predicado.

Os exemplos em (20) e (21), já apresentados em (2), ilustram o primeiro fator:

(20) O ouro **com** a prata combinam-se facilmente.

(21) O Pedro **com** a Maria fazem um par encantador.

(Colaço, 2003, p. 383)

Nestes casos, a coordenação de dois DPs singulares desencadeia concordância no plural com a forma verbal. Isto acontece porque os dois DPs formam um único constituinte na posição de sujeito. Contudo, segundo Colaço (2003, p. 383), em construções parafrásticas como em (22) e (23), os DPs podem ocorrer em posições distintas – sujeito e complemento –, resultando em concordância verbal no singular e possibilitando maior mobilidade dos constituintes.

(22) a) O ouro combina-se facilmente **com** a prata.

b) *O ouro combinam-se facilmente **com** a prata.

c) O ouro, **com** a prata, combina-se bem.

d) **Com** a prata, o ouro combina-se bem.

(23) a) O Pedro faz um par encantador com a Maria.

b. *O Pedro fazem um par encantador com a Maria

c) O Pedro, **com** a Maria, faz um par encantador.

d) Com a Maria, o Pedro faz um par encantador.

(Colaço, 2005, p. 108)

Exemplos como (22c, d) e (23c, d) mostram que *com*, quando não adjacente ao primeiro DP, deixa de comportar-se plenamente como conjunção coordenativa, mantendo traços de núcleo preposicional. Nestes casos, o conector apresenta um comportamento ambíguo: por um lado, mantém “as propriedades casuais de núcleo preposicional” (O Pedro forma um par perfeito *contigo*) e, por outro lado, “corresponde a um núcleo diádico, selecionando dois constituintes, entre os quais se estabelece a relação semântica que permite veicular, característica que o aproxima de uma conjunção coordenativa” (Colaço, 2005, p. 131).

Além disso, nem sempre *com* com valor conjuntivo viabiliza a formação de um constituinte plural (24). Em frases com os verbos simétricos, o PP com *com* pode corresponder ao complemento do verbo, sendo “semanticamente equivalentes a frases em que os DPs envolvidos ocorrem, em posição de sujeito, unidos pela conjunção copulativa” (Colaço, 2005, p. 110).

- (24) a) O Pedro casou(-se) **com** a Maria.
 b) A Maria casou(-se) **com** o Pedro.
 c) O Pedro **e** a Maria casaram.
 d) *O Pedro com a Maria casaram(-se).

Porém, nestes contextos, *com* não veicula valor comitativo (25b) e não pode, por isso, ser substituído pela preposição *sem* (25c). A sua substituição “provoca uma alteração na interpretação, já que o constituinte introduzido por esta preposição deixa de corresponder a um complemento do verbo simétrico, passando a funcionar como um adjunto” (Colaço, 2005, p. 112).

- (25) a) O Pedro casou **com** a Maria.
 b) #O Pedro casou **acompanhado pela Maria**.
 c) O Pedro casou **sem** a Maria.

Um outro fator que legitima a coordenação comitativa em PE é a presença de um valor resultativo, comutável com verbos como *dar* ou *fazer* com o significado de resultar (Colaço, 2005, p. 118).

- (26) a) Um **com** um são dois.
 b) Um **com** um dá dois.
 c) Um **com** um faz dois

Predicados como *misturar*, *fundir*, *coordenar*, que são semanticamente próximos de *combinar* e pressupõem a existência de uma entidade resultante, também permitem a coordenação comitativa, podendo os DPs ocorrer em posições estruturais distintas (27)-(28). No entanto, em construções transitivas, “não podem ter como sujeito um constituinte com uma estrutura de coordenação comitativa” (Colaço, 2005, p. 119) (29).

- (27) a) O açúcar **com** a manteiga misturam-se antes de se juntar a farinha.
 b) O açúcar mistura-se **com** a manteiga antes de se juntar a farinha.
 (28) a) Um PP **com** um AP coordenam-se frequentemente.
 b) Um PP coordenou-se **com** um AP, formando um constituinte complexo.
 (29) a) *O ourives **com** o aprendiz combinaram os metais.
 b) *A cozinheira **com** a ajudante misturaram os ingredientes.

A agramaticalidade das frases em (29) resulta do facto de que “em frases com verbos com valor resultativo, cujo significado lexical implica a referência a um *effectum*, apenas um constituinte inserido na derivação sintáctica como argumento interno pode apresentar uma estrutura de

coordenação comitativa” (Colaço, 2005, p. 119). Esta autora sublinha ainda que, com os verbos como os das frases ilustradas acima, o argumento interno pode ser colocado na posição pós-verbal, na construção inacusativa (30a) e transitiva (30b). Nestes casos, a sequência com a partícula comitativa é estruturalmente ambígua, podendo ser interpretada com um constituinte (30c) ou dois constituintes (30d).

- (30) a) Combinou-se o ouro **com** a prata.
 b) O ourives combinou o ouro **com** a prata.
 c) O ourives combinou-**os**.
 d) O ourives combinou-**o** com a prata.

Por fim, combinado com verbos do tipo *fazer* e *formar*, o conector comitativo *com* manifesta um comportamento conjuncional (Colaço, 2005, p. 121). Isto acontece só quando estes verbos não são utilizados com o seu significado pleno, se aproximam de verbos leves, sendo que o seu significado é conjugado com a expressão nominal com a qual se combinam (veja-se os exemplos em (31a, b) por oposição a (31c), que é agramatical), dando origem a um valor resultativo (*par, equipa*).

- (31) a) O Pedro **com** a Maria fazem um par encantador.
 b) O Pedro **com** o Paulo formam uma equipa imbatível.
 c) *O Pedro com a Maria fazem bolos deliciosos.

Em suma, a coordenação comitativa em português viabiliza apenas uma interpretação grupal do constituinte coordenado, e não distributiva (veja-se a agramaticalidade de (32)), pois “apesar do seu valor básico aditivo, a partícula *com* usada como conjunção mantém um valor secundário comitativo” (Colaço, 2005, p. 126).

- (32) a) *O ouro **com** a prata combinam-se facilmente, mas não um com o outro.
 b) *O Pedro com a Maria fazem um par perfeito, mas não um com o outro.

Coordenação Comitativa na Língua Guineense (LG)

A língua guineense (LG), um crioulo de base lexical portuguesa (Kihm, 1994; Pereira, 2006) é utilizada maioritariamente em contextos de oralidade por mais de 90% da população (INE, 2009; Couto & Embaló, 2010) da Guiné-Bissau. Num contexto sociolinguístico multilíngue, a LG mantém

contacto permanente com o português, língua oficial, de escolarização e maior prestígio social (Mendes, 2023; Mendes & Silva, 2024).

Descrita como maioritariamente analítica, a LG expressa categorias funcionais sobretudo através de partículas independentes, e não por flexão morfológica (Rougé, 1995; Kihm 1994; Scantamburlo, 1999, 2002; Incanha, 2007). Neste quadro, conectores como *ku* assumem um papel central na expressão de relações sintáticas e semânticas, embora o seu comportamento em contextos de coordenação permaneça pouco explorado.

Nas subsecções seguintes, com base em dados empíricos, distingue-se o uso preposicional do uso conjuncional de *ku*, propondo-se que, em contextos coordenativos, este funcione como uma conjunção coordenativa-comitativa altamente gramaticalizado e com maior liberdade funcional do que *com* no PE.

Coordenação na Língua Guineense – Estudos Anteriores

Até ao momento, a coordenação na língua guineense não tem sido objeto de estudo específico e aprofundado, surgindo pontualmente em trabalhos como Kihm (1994), Scantamburlo (1999, 2002) e Intumbo (2007).

Em Kihm (1994), para além de referências à coordenação de sintagmas adjetivais (pp. 132-135), no âmbito de discussão sobre pluralidade e da (não-)concordância em LG, é afirmado que a conjunção coordenativa portuguesa ‘e’ não foi transmitida ao crioulo, exceto em usos descrioulizados recentes, tendo sido substituída por *ku* ‘com’ (p. 149). Contudo, o autor não distingue sistematicamente os valores coordenativos e comitativos de *ku*, nem propõe uma categoria funcional específica para a coordenação.

Scantamburlo (1999), num parágrafo breve e não teórico, descreve a situação da seguinte forma, ilustrando apenas com os exemplos em (33):

Nestes últimos tempos, pela influência da língua portuguesa, a conjunção “i” (E) é aceite com mais consenso sobretudo no meio dos locutores alfabetizados. Para os locutores do Guineense “fundu” é mais comum o uso do conector ‘ku’ (COM), que é também o mais correcto [sic] (Scantamburlo, 1999, p. 183).

- (33) a) Katchur **ku** gatu era ba amigu (O cão e o gato eram amigos) [negrito nosso]
 b) Anos ku ta da elis djanta **ku** sia (Nós é que lhes damos o almoço e o jantar)

No vol. II do *Dicionário do guineense*, Scantamburlo (2002, p. 338), distingue três sublemas de *ku*: preposição (‘com’, com valores de companhia, instrumento, causa ou modo); pronome relativo (‘que, ‘quem’) e conjunção coordenativa (‘com’, visto como “uma forma de empréstimo por decalque”). Como conjunção, *ku* é considerado por este autor como sinónimo de *i* ‘e’, definido como conjunção que liga duas frases ou constituintes de mesma natureza (Scantamburlo, 2002, p. 256).

Intumbo (2007) segue a mesma explicação, notando que “no crioulo guineense, para ligar sintagmas usa-se a conjunção *ku* ‘com’ ou o seu alomorfe *ki*” (Intumbo, 2007, p. 112).

- (34) Maria **ku** Mariu tene dus karus **ku** um mota. [negrito nosso]
 Maria CONJ Mário ter dois carros CONJ uma mota
 Maria e Mário têm dois carros e uma mota.
 (Intumbo, 2007, p. 112)

Em síntese, todos esses autores reconhecem que *ku*, além do seu valor conjuncional, também funciona como preposição (35) ou como pronome relativo (36).

- (35) I muri *ku* fomi. ‘Ele/ela morreu de fome. = Esteve cheio/a de fome.’
 (36) Kuma *ku* ta tchomadu? ‘Como te chamas?’
 (Scantamburlo, 1999, pp. 187, 199)

Conector *ku*: Uso Preposicional vs. Uso Conjuncional

À semelhança de *com* no PE, *ku* pode assumir valor preposicional ou conjuncional na LG. Vejamos algumas destas diferenças, retomando alguns dos critérios apresentados em 1.1.

- a) Pluralidade – no uso conjuncional (37a) *ku* forma um DP sintaticamente plural, o que não se verifica no seu uso preposicional (38). Apesar de a LG não exibir marcas de flexão verbal, a pluralidade em (37a) é evidenciada em (37b) pela possibilidade de substituição do DP pelo pronome pessoal de 3ª do plural, *e* (*i* no singular).

- (37) a) [Djon **ku** Maria] bai skola.
 Djon com Maria ir escola
 ‘O Djon e a Maria foram à escola.’
 b) **E** bai skola.
 Eles ir escola
 ‘Eles foram à escola.’

(38) [Djon] papia [ku Maria].
 Djon falar com Maria
 ‘O Djon falou com a Maria.’

b) Compatibilidade com o verbo – *ku* preposição exprime o valor semântico de companhia e alterna com preposição *sin* ‘sem’ (39). No uso conjuncional, tal substituição é impossível (40).

(39) a) Djon bin **ku** si amigu.
 Djon vir com amigo
 ‘O Djon veio com o seu amigo.’

b) Djon bin **sin** si amigu.
 Djon vir sem seu amigo
 ‘O Djon veio sem o seu amigo.’

(40) a) a) Djon **ku** Maria bai skola.
 Djon com Maria ir escola
 ‘O Djon e a Maria foram à escola.’
 b) *Djon **sin** Maria bai skola.
 Djon sem Maria ir escola
 ‘O Djon sem a Maria foi à escola.’

c) Condição de Estrutura Coordenada e adjacência – contrariamente ao seu uso preposicional (42), *ku* conjunção não pode ser movido fora do constituinte a que integra (41).

(41) a) Djon kumpra [pon_{DP}] ku [manteiga_{DP}].
 Djon comprar pão com manteiga
 ‘O Djon comprou pão e manteiga.’

b) #/*Ku [manteiga_{DP}] Djon kumpra [pon_{DP}].
 Com manteiga Djon comprar pão
 ‘O João comprou pão com manteiga.’

(42) a) Djon bin **ku** si amigu.
 Djon vir com seu amigo
 ‘O Djon veio com o seu amigo.’

b) Ku si amigu, Djon bin.
 Com seu amigo, Djon vir
 ‘Com o seu amigo, o Djon veio’

Estes dados confirmam que *ku* apresenta comportamento híbrido, mas quando introduz DPs que constituem pluralidade conjunta, tem o estatuto de conjunção coordenativo-comitativa. Como veremos na subsecção seguinte, as conjunções *ku* e *i*, embora semanticamente equivalentes, não coordenam todos os tipos de sintagmas e podem aparecer em diferentes posições categoriais.

Restrições Semânticas da Conjunção *ku* na LG

Diferentemente da coordenação comitativa-aditiva no PE, na LG a seleção da conjunção comitativa *ku* não depende de verbos com valor resultativo, nem da existência de reciprocidade semântica entre os participantes. Assim, a ocorrência de *ku* parece ser independente das propriedades semânticas do predicado, sendo a categoria sintática do constituinte coordenado a principal condição relevante, tal como em caboverdiano (Brito et al., 2015) ou em muitas línguas bantus (Creissels, 2016).

A comparação entre os dados do português europeu (43) e os da LG (44) ilustra essa distinção:

- (43) a) *O ourives **com** o aprendiz combinaram os metais.
 b) *O professor com os alunos visitaram o Museu Soares dos Reis.
- (44) a) Ourivi *ku* ajudanti alunu djagasi metais.
 b) Pursor *ku* alunus vizita muzeu Soares dos Reis.

Nestas frases, a única possibilidade de combinação nominal é através de *ku*. A conjunção *i* ‘e’ é agramatical nestes contextos, pois não coordena DPs (subsecção 2.2.4). Assim, pode-se concluir que se XP é DP, então a coordenação com *ku* é obrigatória. Tal facto aproxima a LG, do ponto de vista tipológico, das *with-languages* (Stassen 2000, 2013).

Distribuição dos Conectores *ku* e *i* na Língua Guineense

Embora a literatura tradicional considere *ku* e *i* sinónimos funcionais (Scantamburlo, 1999, 2002; Intumbo, 2007), os dados empíricos mostram que não estão em variação livre. A sua distribuição é categorialmente condicionada.

Ku não coordena orações nem VPs (46) – porque exige um constituinte sintaticamente nominal à direita – ao contrário de *i* (45); quando os sujeitos das orações coordenadas são diferentes, a conjunção *i* não se realiza preferencialmente (45b); e ambos os casos, os eventos são interpretados como simultâneos.

- (45) a) Djon kanta **i** badja el son.
 Djon tocar e dançar ele sozinho
 ‘O Djon cantou e dançou sozinho/ao mesmo tempo.’

- b) Djon bai fera, Pedru bai tarbadju.
Djon ir feira, Pedro ir trabalho
'O Djon foi à feira, o Pedro foi ao trabalho.'
- (46) a) *Djon kanta, **ku** badja el son.
b) *Djon bai fera **ku** Pedru bai tarbadju.

Esta restrição sintática não é sensível à natureza finita ou não finita das orações, encaixadas ou não, muito menos à natureza aspectual dos seus predicadores (em LG, os morfemas de TMA são livres: \emptyset V indica o pretérito perfeito com verbos eventivos e *ba* V, o imperfeito; *ta* V indica o presente habitual; *na* V, o presente real ou futuro, dependendo do predicado; *na bin* V indica o futuro (cf. Rougé, 1995; Kihm, 1994; Scantamburlo, 1999).

- (47) a) *Djon kume pis **ku** bibi iagu.
Djon comer peixe com beber água
'O Djon comeu peixe e bebeu água.'
- b) *Djon ta lei tchiu **ku** ta skirvi tchiu.
Djon TMA ler muito com TMA escrever muito
'O Djon lê muito e escreve muito.'
- c) *Djon na skirvi **ku** Pedro na lei puema.
Djon TMA escrever com Pedro ler poema
'O Djon vai escrever e o Pedro vai ler um poema.'
- d) *Djon na bin kume pis **ku** bibi iagu.
Djon TMA-TMA comer peixe com beber água
'O Djon irá comer peixe e beber água.'
- e) *Don fala kuma i gosta di Maria **ku** kuma na kasa kel.
Djon dizer REL ele gostar de Maria com REL TMA casar com-ela
'O Djon disse que gosta da Maria e que vai se casar com ela.'

Além disso, *ku* não coordena sintagmas adjetivais (48b), ao contrário de *i* (48a). Pelo contrário, a coordenação de sintagmas nominais (49) e preposicionais (50) é feita exclusivamente pela conjunção *ku*, independentemente da posição sintática em que aparecem.

- (48) a) Maria bunitu **i** intilijenti.
Maria bonita e inteligente
'A Maria é bonita e inteligente.'
- b) *Maria bunitu **ku** intilijenti.
- (49) a) Maria **ku** Djon i nha ermons.
Maria com Djon ser meus irmãos
'A Maria e o Djon são meus irmãos.'
- b) Ami **ku** bo, anos i ermons
Eu com tu nós ser irmãos
'Tu e eu somos irmãos.'

- c) Djon kumpra karu **ku** kasa.
Djon comprar carro com casa
'O Djon comprou um carro e uma casa.'
- d) *Maria **i** Djon i nha ermons.
- e) *Ami **i** bo, anos i ermons
- f) *Djon kumpra karu **i** kasa.
- (50) a) Impreza tene sedi na Lisboa **ku** Bissau.
Empresa ter sede em Lisboa com Bissau
'A empresa tem sede em Lisboa e em Bissau.'
- b) *Impreza tene sedi na Lisboa **i** Bissau.

Em relação aos AdjPs, sublinhe-se que, sempre que na estrutura coordenada ocorrer um sintagma adjetival, a coordenação é feita pela conjunção *i*, independentemente da categoria do segundo termo coordenado.

- (51) a) Maria sta kansadu **i** ku sonu.
Maria estar cansada e com sono
'A Maria está cansada e com sono.'
- b) *Maria sta kansadu **ku** ku sonu.

No caso da coordenação nominal, os DPs podem ocorrer na posição sintática do sujeito (49a, b) ou de complemento (49c). Em ambos os casos, os DPs coordenados formam um único constituinte, naturalmente pluralizado. Vejam-se os exemplos (52)-(53), em que “Maria ku Djon” são substituídos pelo pronome pessoal *elis*, terceira pessoa do plural, e “karu ku kasa”, pelo pronome acusativo *elis*, sendo estranha a substituição de apenas um DP, com o dativo *l* aglutinado ao verbo.

- (52) a) Maria **ku** Djon i nha ermons.
Maria com Djon ser meus irmãos
'A Maria e o Djon são meus irmãos.'
- b) **Elis** i nha ermons.
Eles ser meus irmãos
'Eles são meus irmãos.'
- (53) a) Djon kumpra karu **ku** kasa.
Djon comprar carro com casa
'O Djon comprou o carro e a casa.'
- b) Djon kumpra **elis**.
Djon comprar os
'O Djon comprou-os.'

- c) ?/#Djon kumpral ku kasa.
 Djon comprar-o com casa
 ‘O Djon comprou-o com a casa.’

Por fim, em relação aos sintagmas adverbiais (advérbios de tempo e lugar, em particular), a coordenação com *ku* parece mais natural do que com *i* ou é a única opção disponível. Veja-se a gramaticalidade de (54a, c) por oposição a (54b, d).

- (54) a) Maria na fasi prova aos **ku** amanha.
 Maria TMA fazer prova hoje com amanhã
 ‘A Maria vai fazer a prova hoje e amanhã.’
- b) *Maria na fasi prova aos **i** amanha.
- c) Maria sta ku sintidu li **ku** la.
 Maria estar com sentido aqui com lá
 ‘A Maria está aqui e lá.’
- d) *Maria sta ku sintidu li **i** la.

Adicionalmente, uma outra característica que a coordenação aditiva no guineense apresenta, seja através da conjunção *i* ou *ku*, é a iteratividade, que em português se restringe à coordenação aditiva canónica. Vejam-se os exemplos a seguir.

- (55) a) Maria sta kansadu **i** ku sonu **i** i misti dita.
 Maria estar cansada e com sono e ela querer deitar-se
 ‘A Maria está cansada e com sono e quer deitar-se.’
- b) Maria **ku** Djon **ku** Armandu i nha ermons.
 Maria com Djon com Armandu ser meus irmãos
 ‘A Maria e o Djon e o Armandu são meus irmãos.’

As diferenças de seleção categorial observadas são, em suma, apresentadas na tabela seguinte. Note-se que os dados aqui analisados sugerem que as conjunções *ku* e *i* do partilham as mesmas propriedades categoriais com as conjunções *ku* e *y* do caboverdiano (Brito et al., 2015).

Tabela 1*Distribuição das conjunções i e ku na língua guineense*

Categoria coordenada	Conjunção usada	Exemplos
DP	ku	(49), (52), (53)
AdjP	i	(48), (51),
VP/Oração	i	(45), (47)
PP	ku	(50)
AdvP(tempo/lugar)	ku	(54)

Fonte: Elaborada pelo autor.**Coordenação comitativa no PE e na LG: síntese comparativa¹**

Com base na discussão feita na secção 2, apresentamos nesta secção uma síntese comparativa da coordenação comitativa nas duas línguas em análise. A comparação mostra que *com* (PE) e *ku* (LG), apesar de partilharem traços comitativos, apresentam graus distintos de gramaticalização e propriedades sintáticas significativamente divergentes. *Ku* encontra-se amplamente gramaticalizado como conjunção coordenativa, ao contrário de *com* do PE, que mantém um estatuto híbrido e marginal. Além disso, a coordenação comitativa na LG está estruturalmente estável e categorialmente condicionada, refletindo um percurso avançado de gramaticalização próprio das *with-languages*.

Tabela 2*Gramaticalização e estatuto sintático de com e ku*

Língua	Conector	Categoria base	Estatuto como conjunção	Grau de gramaticalização
PE	com	preposição	marginal e altamente restrito	baixo
LG	ku	preposição > conjunção	produtivo e nuclear no domínio nominal	elevado
LG	i	conjunção	produtivo no domínio predicativo	elevado

¹ Todas as tabelas foram elaboradas pelo autor.

Tabela 3*Seleção categorial das conjunções e e com do PE, i e ku da LG*

Constituinte	PE	LG	Observação
DP	e/com (restrito)	ku	LG mais livre e produtiva
VP	e	i	convergência
Oração	e	i	convergência
AdjP	e	i	convergência
PP	e	ku	divergência
AdvP	e	ku	divergência

Tabela 4*Pluralidade sintática e interpretação semântica da Coord. Comitativa no PE e na LG*

Propriedade	PE (com)	LG (ku)
Constituinte plural	sim (condicionado)	sistemático
Leitura grupal obrigatória	sim	sim
Leitura distributiva	não	não

Tabela 5*Iteratividade da coordenação cominativa no PE e na LG*

Língua	Iteratividade com valor comitativo
PE (com)	agramatical
LG (ku)	gramatical

Tabela 6*Compatibilidade com propriedades do verbo*

Propriedade do predicado	PE (com)	LG(ku)
Verbos resultativos	sim	não relevante
Verbos simétricos	sim	não relevante
Independência verbal	não	sim

Considerações Finais

A análise desenvolvida neste estudo permite concluir que, enquanto a conjunção copulativa *i* ‘e’ coordena exclusivamente estruturas predicativas (orações, VPs e AdjPs), a conjunção *ku* ‘com’ – completamente gramaticalizada na língua guineense – coordena DPs, tanto em posição de sujeito como de complemento, bem como PPs e AdvPs.

Aliado ao facto de a sua presença não depender das propriedades semânticas do verbo e de admitir iteratividade, pode afirmar-se que a conjunção *ku* é muito menos restritiva do que a conjunção comitativa *com* do português europeu.

Além disso, os dados aqui analisados afastam-se de generalizações anteriores, como a ideia de que *ku* coordena livremente todos os tipos de sintagmas (Intumbo, 2007) ou de que substituiu totalmente a conjunção copulativa *i* (Kihm, 1994). Neste sentido, *ku* aproxima-se funcionalmente da conjunção homónima do caboverdiano, *ku* (Brito *et. al.*, 2015), revelando-se uma estratégia de coordenação dominante no domínio nominal.

Reconhece-se, contudo, que este trabalho é de natureza introdutória. Será necessário aprofundar a análise com dados adicionais – nomeadamente, variáveis sociolinguísticas que podem influenciar o comportamento dos falantes. Em particular, importa investigar se os falantes do chamado *crioulo fundu* – tipicamente mais velhos e/ou não escolarizados (Mendes, 2023) – preferem exclusivamente a conjunção *ku*, enquanto falantes escolarizados e de zonas urbanas apresentam maior aceitação de *i*. Esta linha de investigação poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente da gramática do guineense, no contexto da sua crescente valorização e reivindicação como língua oficial e de ensino, a par do português.

Com base no conjunto de observações realizadas, propõem-se as seguintes generalizações:

- (i) *Ku* é a conjunção coordenativa prototípica da LG; exibindo seleção categorial fortemente marcada sobre DP, PP, AdvP, e apresenta um grau elevado de gramaticalização como núcleo coordenativo;
- (ii) *I* é a conjunção coordenativa predicativa, seleccionando VPs, orações e AdjPs;
- (iii) a coordenação comitativa na LG com *ku* não depende de requisitos semânticos como os observados no PE, tais como resultatividade ou simetria entre participantes;
- (iv) Do ponto de vista tipológico, a LG caracteriza-se como uma *with-language* (Stassen, 2000, 2013), ao contrário do PE, que se enquadra no grupo das *and-languages*.

Referências

- Brito, A. M., Matos, G., & Pratas, F. (2015). Comitative coordination in Capeverdean. In R. Kramer, L. Zsiga, & O. Boyer (Eds.), *Proceedings of the 44th Annual Conference on African Linguistics (ACAL 44)* (pp. 17–27). <https://www.lingref.com/cpp/acal/44/paper3123.pdf>
- Colaço, M. (2003). Coordenação comitativa em português. *Textos Seleccionados do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 381-392.
- Colaço, M. (2005). *Configurações de coordenação aditiva: Tipologia, concordância e extracção*. [Tese de Doutoramento em Linguística, não publicada]. Universidade de Lisboa.
- Creissels, D. (2016). Additive coordination, comitative adjunction, and associative plural in Tswana. *Linguistique et Langues Africaines*, 2, 11–42. <https://journals.openedition.org/lla/11925>
- INE, (2009). *Recenseamento Geral da População e Habitação: Características Socioculturais*. Recuperado de <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp01w6634600z>
- Intumbo, I. (2007). *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. [Dissertação de mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório UC https://www.uc.pt/ciuc/creolistics/research/guine/intumbo_2007
- Johannessen, J. B. (1998). *Coordination*. Oxford University Press.
- Kihm, A. (1994). *Kriyol syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. John Benjamins.
- Matos, G. (2003). Estruturas de coordenação. In M. H. Mateus et al. (Eds.). *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 551-592). Caminho.
- Matos, G., & Raposo, E. P. (2013). Coordenação. In E. B. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (vol. II, pp. 194-238). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mendes, R. (2023). *Variação interna em kriol (crioulo da Guiné-Bissau): Fonologia e aspetos sociolinguísticos*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório da UP <https://hdl.handle.net/10216/155546>
- Mendes, R. & Silva, C. (2024). Prestígio social das Línguas da Guiné-Bissau avaliado pelos seus falantes. *Cadernos IS-UP*, (5), 38-45.
- Rougé, J. L. (1986). Uma hipótese sobre a formação dos crioulos da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, 2, 28-49.
- Rougé, J. L. (1995). A propósito da formação dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, 20, 80-97.
- Scantamburlo, L. (1999). *Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais* (vol. 1). Edições Colibri/FASPEBI.
- Scantamburlo, L. (2002). *Dicionário do guineense: Dicionário guineense-português* (vol. 2). Edições Colibri/FASPEBI.
- Stassen, L. (2013). Noun Phrase Conjunction. In M. S Dryer, & M. Haspelmath (Eds.) *WALS Online* (v2020.4) [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.13950591>